

LER GROTOWSKI: ENTRE TEXTOS E PRÁTICAS, HISTÓRIA E HISTÓRIAS

Tatiana Motta Lima

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Grotowski, fase teatral, performance.

Muitos estudiosos do teatro, após a morte de Grotowski, têm apontado a necessidade premente de se voltar a ler Grotowski (Tavianni, 2000; De Marinis, 2004; Flaszen, 2007; Atissani, 2007). E esse *ler* é utilizado em seu duplo sentido: é necessário tanto voltar aos seus textos quanto voltar a interpretar o seu percurso. Muitos aludem a um Grotowski ao mesmo tempo muito citado e pouquíssimo conhecido. Concordo com essas avaliações. O interesse pelo percurso de investigação do artista acabou sendo substituído por saberes tidos como já adquiridos, por uma quantidade de citações que se ligaram ao seu nome, ou por idéias genéricas de um *teatro pobre* ou de um *ator santo*.

Certos conceitos, principalmente aqueles ligados à atuação, como, por exemplo, *organicidade* ou *partitura*, vão ficando tão pouco específicos que acabam por caber em artistas muito diferentes entre si como Grotowski, Barba, Brook ou Mnouchkine. Na falta de um inventário da relação entre a terminologia de cada artista e as suas experiências, *conceitos* acabam sendo lidos apenas como *termos*, como *palavras*.

Além disso, se à terminologia de Grotowski não se consegue relacionar experiências práticas concretas, corre-se o risco da *canonização* dessa terminologia.

Acredito que uma das formas de fugir da volatilização dos termos e da canonização da terminologia seja tratar palavras importantes do léxico de Grotowski como conceitos, ao mesmo tempo mergulhados na - e submergidos da - prática de ensaios e exercícios. Nesse sentido, não se trata nem de mapear um dito *pensamento do autor*, nem de exaltar a empiria, operações propícias à produção de estereótipos. Deduzir suas práticas de uma filosofia geral que as explique totalmente e que permita que não se contradigam entre si, ou relatar exercícios ou procedimentos como se neles se encontrasse a chave do seu legado não são a melhor forma de abordar Grotowski. Minha opção de análise consiste em seguir (interpretar/construir, pois não há como e nem se quer fugir de um ponto de vista) seu *percurso* de investigação de modo a perceber o revezamento, o entrecruzamento e a fricção entre discursos e procedimentos.

Para tornar mais concretas estas observações críticas, quero me referir rapidamente à cronologia que estabeleci em minha tese de doutorado. Ali, o período que examino vai de 1959, data de abertura do *Teatro das 13 fileiras* até o final da experiência de *Holiday*, *strito senso* a única atividade *parateatral* de Grotowski. Ora, isso implica avançar para além da data de estréia do último espetáculo de Grotowski, *Apocalypsis cum Figuris*, que se deu em 1969, rompendo com os limites da chamada fase teatral¹.

¹ Grotowski, em no texto “Da Companhia Teatral à arte como veículo”, dividiu seu trabalho em 4 fases distintas: a fase do *teatro dos espetáculos*, o *parateatro*, o *Teatro das Fontes* e a *arte como veículo*, e esta

Creio que a datação da *fase teatral* obscurece a crise e a transição operada em *Apocalypsis*, e sua relação com *Holiday*, e, além disso, marca o período *parateatral* de forma mais mítica do que necessária quando associa-o à viagem de Grotowski à Índia e à mudança física do artista que ali ocorreria.

Há ainda uma outra datação, também conformada pela noção de *fase teatral*, que divide o período entre 1959 e 1969 em duas etapas: uma até 1962, até o espetáculo *Os Antepassados*, e outra que começa dali em diante, ou seja, a partir do espetáculo *Kordian*. Essa divisão tem o mérito de perceber o deslocamento de ênfase feito da *encenação* para os *processos do ator* nas investigações de Grotowski. Porém, ela acaba deixando de lado as modificações operadas nos processos atorais entre 1962 e 1969.

Essa leitura acabou por construir um certo 'Grotowski clássico' do período teatral às custas de uma reflexão mais acurada sobre as transformações ocorridas em suas investigações. Ficam, assim, escondidas uma série de embates, falências e autocríticas na investigação de Grotowski que, na medida do possível, procuro trazer à luz em meu trabalho.

Acredito que possa se fugir desse 'Grotowski clássico' com base em uma análise aprofundada dos seus textos. Mas, qual a produtividade, para compreensão do seu percurso, desse tipo de trabalho?

Creio que em relação a Grotowski operou – e ainda opera - um certo senso comum, que, por razões diferentes, parece negar aos seus textos a possibilidade de serem veiculadores de um conhecimento experimental. Talvez por isso, são poucos os estudos que se debruçam de maneira rigorosa sobre eles.

Mas, talvez tenha sido justamente esse pouco interesse – ou preconceito - pelo estudo da terminologia de Grotowski que levou estudiosos a parafrasear seus textos, repetindo, quase inconscientemente, a interpretação que ele fez de seu próprio percurso. E, assim, essa interpretação não foi, ela mesma, analisada. Não se atentou para o modo como foi construída, nem às condições as quais esteve vinculada; deixou-se de lado, enfim, a análise do *modus operandis* de Grotowski, olhando-se, apenas, para suas conclusões finais.

Essa desvalorização dos textos de Grotowski se apresentou, ao longo do tempo, através de inúmeras ponderações que acredito serem, senão de todo infundadas, ao menos equivocadas. São elas:

- Grotowski escreveu uma pequena quantidade de textos, demonstrando, assim, seu desinteresse pela produção textual.

Em primeiro lugar, não considero a produção textual de Grotowski pequena. E há também, por vezes, um equívoco no que se considera *texto* de Grotowski. As inúmeras entrevistas publicadas têm importância capital e devem ser consideradas como seus escritos. Essa impressão de um corpo pequeno de textos nasce, talvez, da própria dificuldade de reunir os

divisão tem servido de moldura à maior parte das análises de sua obra.

escritos que, de maneira geral, estão dispersos em publicações de diversas línguas².

E acima de tudo, quando se fala do desinteresse de Grotowski pela escrita, se deixa de lado o controle rigoroso que ele exercia sobre a publicação, tradução ou revisão de seus textos.

- Grotowski privilegiava o conhecimento advindo da experiência direta. Porque, então, tentar uma aproximação com suas investigações justamente através de seus textos?

De fato, Grotowski valorizava um *saber* que nascia do *fazer*. Insurgia-se, portanto contra qualquer tentativa de fixação ou canonização de sua terminologia. Frequentemente prevenia o ouvinte/leitor de uma escuta/leitura demasiadamente preocupada com um entendimento puramente mental daquilo que havia sido dito. Mas, suas críticas diziam respeito mais ao modo de abordar um texto do que negavam a este a possibilidade de ser visto como parte de sua investigação.

- O trabalho de Grotowski só pode ser conhecido através da prática e, por isso, qualquer análise mais minuciosa sobre os seus textos é infrutífera, ou de uma erudição sem vitalidade.

Em muitos campos, parece se reproduzir, ainda hoje, de maneira pouco reflexiva, uma oposição entre teoria e prática. No que diz respeito a Grotowski, não se pode esquecer que, assim como em muitos dos encenadores do século XX, a produção escrita é parte da sua obra e não seu apêndice. Além disso, muitos dos mal entendidos que acompanham seu trabalho nasceram de experiências práticas que se diziam grotowskianas, e não apenas de análises 'teóricas' de sua obra.

Ao criticar os pontos relacionados acima, não deixo de levar em conta que eles chamam à atenção para os limites de uma investigação baseada nos textos de Grotowski. Mas, entender os limites da investigação não significa que se deva descartá-la como um todo. Ao contrário, esse conhecimento pode fazer com que o pesquisador evite certas abordagens moralistas ou dogmáticas, e recupere a natureza processual desses textos. Os limites fornecem, portanto, o tanto de rigor e humildade necessários quando o objetivo é aproximar-se do percurso de um artista, um percurso, na maioria das vezes, fortemente prático e artesanal.

Há ainda uma perspectiva de aproximação com a obra de Grotowski que busca – às vezes de maneira mais complexa, às vezes abrindo mão da complexidade, como no tal *pensamento do autor* – enxergar uma certa unidade de sua obra. Grotowski se transforma, assim, em *um* texto. E esse texto constrói a História.

O perigo que vejo aí é aquele explicitado por Bourdieu em “A ilusão biográfica”: a vida – e, nesse caso, a obra de Grotowski - passa a ser um “conjunto coerente e orientado que pode e deve ser compreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva...”(Bourdieu, 1996).

² Nos últimos anos, algumas publicações reuniram textos de Grotowski que estavam dispersos: **The Grotowski Sourcebook, O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski e Opere e Sentieri II - Jerzy Grotowski. Testi 1968-1998.**

Além disso, essa busca pela História é propícia à projeção. Os interesses e crenças dos próprios pesquisadores se misturam, ainda mais facilmente do que de costume, com aquela que teria sido a investigação de Grotowski. O esforço por contextualizar permite que se revele, além da complexidade, a *alteridade* da investigação de Grotowski; *alteridade* que nos obriga a sair permanentemente do que já conhecemos. E só pode haver diálogo (e descoberta) se há *alteridade*.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

ATTISANI, Antonio. **Un teatro apocrifo**. Milão:Edizioni Medusa, 2006.

BIAGINI, Mario & ATTISANI, Antonio (orgs.). **Opere e Sentieri II - Jerzy Grotowski. Testi 1968-1998**. :Bulzoni Editore, 2007 (Bulzoni Editore).

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In* : AMADO, J. & FERREIRA, M. M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DE MARINIS, Marco. La parábola de Grotowski: el secreto del 'novecento' teatral. Buenos Aires: Galerna, 2004.

FLASZEN, Ludwik & POLLASTRELLI, Carla (orgs.). **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski (1959-1969)**. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro/Edições SESCSP/Perspectiva, 2007.

GROTOWSKI, Jerzy. Da Companhia Teatral à Arte como Veículo. *In*: FLASZEN, Ludwik & POLLASTRELLI, Carla (org.). **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski (1959-1969)**. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro/Edições SESCSP/Perspectiva, p.226-243, 2007.

SCHECHNER, Richard & WOLFORD, Lisa (orgs.). **The Grotowski Sourcebook**, New York: Routledge, 1998.

TAVIANNI, Ferdinando. Grotowski posdomani. Ventuno riflessioni sulla doppia visuale. *Revista Teatro e Storia*, XIII-XIV, p.391-420, 1998/99.